

ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO
CENTRO PAULA SOUZA
CURSO TÉCNICO DE FINANÇAS

Dayane Marin Marques

Luana Amadeu

**Nível de conhecimento de educação financeira de alunos das redes de ensino
públicas e privadas.**

São José do Rio Preto

2025

Sumário

1. Introdução	4
1.1. Contextualização.....	4
1.2. Problema de Pesquisa.....	5
1.3. Objetivos	5
1.3.1. Objetivo Geral	5
1.3.2. Objetivo Específico.....	5
1.4. Metodologia	6
2. Referencial Teórico.....	7
2.1 Capitalismo	7
2.2 Redes Sociais.....	9
2.3 Influência das Redes Sociais.....	11
3. Estudo de Caso	18
4. Conclusão	25
5. Referências	27

1. Introdução

1.1. Contextualização

O sistema capitalista, também denominado economia de mercado, fundamenta-se nas leis da livre iniciativa, da livre concorrência e nas dinâmicas da oferta e da demanda. Mais do que um modelo econômico, o capitalismo transforma a cultura, a personalidade individual e, conseqüentemente, a civilização como um todo.

Ao se observar a trajetória da sociedade humana desde os tempos remotos, percebe-se que o movimento de mudança histórica promovido por esse sistema nunca foi tão rápido, inovador e turbulento. Seu dinamismo constante envolve avanços, crises e até retrocessos, sem jamais apresentar estabilidade plena.

O Manifesto Comunista escrito em 1848, por Karl Marx e Friedrich Engels afirmaram que “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, assim, todas as relações sociais”.

As redes sociais desempenham um papel significativo no contexto do capitalismo, funcionam como ferramentas estratégicas utilizadas por grandes corporações e organizações para promover produtos, disseminar discursos e ideais, construir imagens, moldar a opinião pública e alterar a percepção que temos da realidade. Elas são projetadas com mecanismos específicos que visam manter os usuários constantemente engajados, manipulando suas escolhas e influenciando suas decisões, levando-os a acreditar na necessidade de consumir determinados produtos ou adotar comportamentos específicos.

Nos últimos anos, redes sociais como o TikTok têm moldado o comportamento de consumo de um público cada vez mais jovem, que, muitas vezes, adquire produtos não apenas pelo apelo estético, mas para sinalizar pertencimento a grupos sociais. A exposição precoce ao ambiente digital torna esse público mais suscetível à lógica do consumo emocional, onde a busca constante por validação nas redes sociais reforça a importância emocional desses produtos.

Ainda que os jovens de mesma faixa etária estejam expostos às mesmas redes sociais, a desigualdade social, tão marcante no país, pode exercer influência no conhecimento de educação financeira e também no consumo.

1.2. Problema de Pesquisa

Diante do exposto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a diferença no nível de conhecimento em educação financeira entre alunos do ensino médio de instituições públicas e privadas?

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

Pesquisar a diferença no nível de conhecimento de educação financeira entre alunos do ensino médio de instituições públicas e privadas.

1.3.2. Objetivo Específico

- Pesquisar uma forma de levantar dados sobre as influências das redes sociais nos adolescentes e seu conhecimento sobre educação financeira;
- Analisar os dados recolhidos e comparar as principais diferenças entre alunos de escolas públicas e privadas;

1.4. Metodologia

Este trabalho tem como objetivo comparar o nível de conhecimento em educação financeira entre alunos do ensino médio de instituições públicas e privadas. A pesquisa visa compreender como os estudantes lidam com conceitos básicos de finanças pessoais, como consumo consciente, poupança e investimentos, e identificar possíveis diferenças entre os contextos educacionais. Para isso, será realizado um estudo de campo com estudantes de escolas selecionadas. A pesquisa será conduzida em formato digital, com os questionários sendo enviados diretamente aos alunos por meio de plataformas online, com perguntas objetivas e subjetivas, que buscam induzir os participantes a refletirem sobre sua relação com o dinheiro e suas práticas financeiras cotidianas.

A pesquisa também avalia a influência das plataformas digitais, como redes sociais e aplicativos de consumo, no comportamento financeiro dos jovens, considerando o impacto dessas ferramentas na forma como os adolescentes tomam decisões de compra, gerenciam seu dinheiro e se relacionam com marcas e produtos. A análise busca identificar como esses meios digitais moldam as atitudes dos estudantes em relação ao consumo e se há diferenças significativas no comportamento financeiro entre os alunos de escolas públicas e privadas. Com os dados obtidos, será possível traçar um panorama detalhado que permita compreender as divergências no conhecimento e nas práticas financeiras entre os dois grupos.

O experimento será composto por estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas, selecionadas de forma a representar diferentes contextos socioeconômicos. O número de participantes foi definido considerando a necessidade de obter uma amostra estatisticamente significativa, a partir de 75 alunos de cada instituição, privada e pública, garantindo a confiabilidade dos resultados.

2. Referencial Teórico

2.1 Capitalismo

O capitalismo, ao longo dos séculos, consolidou-se como um sistema econômico, político e social que, embora tenha emergido como uma resposta à decadência do feudalismo, perpetuou e, em muitos aspectos, ampliou as desigualdades que marcaram a sociedade medieval. Marx, em *O Capital* (1867), critica a estrutura de acumulação capitalista, argumentando que ela gera um ciclo constante de concentração de riqueza nas mãos dos proprietários dos meios de produção, em detrimento dos trabalhadores, cujos esforços são desvalorizados através da mais-valia.

A mais-valia, conceito central na crítica marxista, é o valor gerado pelo trabalho não remunerado que alimenta a acumulação do capital, ampliando ainda mais o abismo social entre as classes. Segundo Marx, à medida que o sistema de produção se expande, a desigualdade também cresce, pois os detentores do capital continuam a acumular riqueza enquanto o trabalhador, embora sua produção seja essencial, vê seu valor de trabalho sistematicamente diminuído.

Porém, essa crítica ao capitalismo não pode ser isolada de uma análise histórica do surgimento do sistema. O capitalismo emerge no final da Idade Média, durante o colapso do sistema feudal. A necessidade de aumentar a produção de bens, os serviços e o comércio entre reinos impulsionaram o surgimento de novas formas de organização econômica.

O feudalismo, com sua estrutura profundamente hierárquica e desigual, baseava-se na exploração do trabalho servil e na subordinação dos camponeses às elites aristocráticas. O capitalismo, portanto, surge como uma continuidade desse processo de exploração, embora em formas mais "modernas", camufladas pela promessa de liberdade do mercado.

É errôneo considerar o capitalismo como uma vitória sobre o feudalismo. Embora o capitalismo tenha introduzido uma aparência de liberdade, ao permitir que os indivíduos pudessem vender sua força de trabalho em vez de serem forçados ao

servilismo, a verdade histórica é que muitos trabalhadores se viram na mesma condição de exploração.

A promessa de liberdade esbarra em uma realidade onde o trabalhador, privado de terra, recursos e meios de produção, torna-se dependente do mercado de trabalho para sua sobrevivência. Nesse cenário, a liberdade de vender a própria força de trabalho se torna uma liberdade ilusória, pois o trabalhador é compelido, por necessidade, a aceitar as condições que o sistema impõe.

Além disso, a crítica marxista destaca que o capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas uma organização social mais ampla, que determina as relações de poder, a distribuição de riquezas e o comportamento humano em diversas esferas da vida.

O capitalismo, desde sua ascensão com a Revolução Industrial, não apenas reorganizou a produção, mas também moldou as relações sociais de maneira profundamente desigual. Durante esse período, a ascensão da burguesia substituiu a aristocracia, e o modelo liberal de mercado, que preconizava a autorregulação das forças econômicas, consolidou-se como a base da economia moderna.

No entanto, o que muitos consideram "liberdade" no mercado é, na verdade, uma ilusão que camufla a perpetuação de um sistema de classes, onde a mobilidade social é limitada, e a disparidade entre ricos e pobres se amplia.

O sistema neoliberal contemporâneo, com sua ênfase na competitividade, no consumo e na busca incessante pelo lucro, perpetua essas desigualdades de maneira ainda mais exacerbada. Nele, o filho do pobre continua sendo, na prática, filho do pobre, aprisionado em uma estrutura social rigidamente hierárquica. A promessa de uma sociedade igualitária e de livre mobilidade social se desfaz diante da realidade de um mercado que exclui as camadas mais pobres e mantém as elites intocáveis.

O consumismo, por sua vez, tornou-se um dos pilares do capitalismo atual. A sociedade de consumo, como analisado por Zygmunt Bauman (2006), criou uma estrutura onde os indivíduos, alimentados por um constante bombardeio de propaganda, buscam satisfazer seus desejos através da compra incessante de produtos.

Contudo, essa busca por satisfação é efêmera. O que antes era desejado torna-se obsoleto rapidamente, alimentando um ciclo constante de insatisfação. Bauman

descreve o capitalismo como uma "sociedade líquida", onde os valores, identidades e relacionamentos se tornam fugazes e descartáveis, em um processo contínuo de insaciabilidade e frustração.

O capitalismo contemporâneo, com seu foco no consumismo e na obsolescência programada, não apenas esgota os recursos naturais do planeta, mas também cria uma estrutura social de alienação. A promessa de felicidade, entregue pelas empresas através do consumo, é uma ilusão, pois quanto mais os indivíduos consomem, mais percebem que a verdadeira satisfação é inalcançável.

A sociedade capitalista, portanto, prospera à custa da insatisfação constante de seus membros, enquanto as elites continuam a acumular riqueza e poder, perpetuando um ciclo de exploração e desigualdade.

Em suma, o capitalismo não representa uma evolução em relação ao feudalismo, mas sim uma continuação das mesmas relações de exploração, agora disfarçadas sob o manto da liberdade de mercado. A concentração de riqueza nas mãos de poucos, a exploração do trabalho e a criação de uma cultura de consumo incessante são elementos centrais desse sistema, que não só reproduz desigualdades, mas as amplia de maneira sistêmica.

O capitalismo, ao prometer uma liberdade que na prática é uma armadilha, mantém uma estrutura social profundamente injusta, onde a mobilidade social é limitada, a exploração é incessante e a felicidade, uma promessa vazia.

2.2 Redes Sociais

O avanço das tecnologias digitais e a crescente popularização das redes sociais no século XXI revelam uma transformação fundamental nas dinâmicas de interação social, comunicação e, de forma mais ampla, na própria estrutura da sociedade. Se por um lado, as redes sociais democratizam o acesso à informação e ampliam a possibilidade de interação global, por outro, elas também configuram uma nova realidade que reforça certos aspectos do capitalismo, particularmente no que diz respeito ao consumo e à manipulação das emoções dos usuários.

A crítica ao capitalismo, abordada no ponto anterior, pode ser aprofundada ao refletirmos sobre como as redes sociais se tornaram ferramentas essenciais na construção de uma sociedade de consumo intensivo, baseada no incentivo à permanência constante dos indivíduos dentro dessas plataformas.

A conexão incessante entre os usuários e a constante busca por validação através de curtidas, compartilhamentos e comentários formam um ciclo que alimenta uma dependência emocional, impulsionada por algoritmos projetados para maximizar o tempo de uso e a interação.

As plataformas digitais tendem a fortalecer a exposição dos usuários a conteúdos que corroboram suas crenças preexistentes, ao mesmo tempo em que diminuem a visibilidade de informações desafiadoras ou que ofereçam outras perspectivas. Esse isolamento informativo, alimentado pela personalização dos algoritmos, leva a uma fragmentação da sociedade, onde o diálogo e a troca de ideias entre grupos com visões divergentes se tornam cada vez mais difíceis.

Esse fenômeno reflete um capitalismo digital que utiliza a segregação de ideias e interesses como um mecanismo para aumentar o engajamento e, consequentemente, a monetização das interações.

A introdução das redes sociais na vida cotidiana também alterou a forma como a identidade e a experiência são moldadas. A constante exposição a um grande volume de imagens e informações, muitas vezes descontextualizadas ou superficiais, influencia a percepção das pessoas sobre si mesmas e sobre os outros. As redes sociais não só mediam as interações, mas também impõem uma estética e uma lógica de consumismo que se refletem em todas as áreas da vida, desde as relações interpessoais até o consumo de produtos e serviços.

A ideia de "compartilhar" tornou-se um reflexo do capitalismo, no qual os indivíduos não são apenas consumidores de conteúdo, mas também se tornam produtores dessas informações, que são constantemente avaliadas em termos de popularidade e relevância.

Portanto, as redes sociais, enquanto produtos do capitalismo digital, não são apenas canais de comunicação, mas também poderosos agentes de conformação social e psicológica, que alimentam a lógica do consumo incessante. A reflexão crítica sobre o impacto dessas plataformas na sociedade moderna deve considerar, além

das vantagens tecnológicas, os perigos que elas impõem ao bem-estar individual e coletivo, à saúde mental e ao fortalecimento de ideologias que, muitas vezes, reforçam divisões sociais e políticas.

2.3 Influência do Consumo

O consumo, enquanto fenômeno central à dinâmica do capitalismo, não se restringe apenas à aquisição de bens essenciais à sobrevivência humana, mas se expandiu, nos últimos anos, para um consumo de identidade e status. Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel fundamental, não só como meios de comunicação, mas como potentes catalisadores de uma nova cultura de consumo, cada vez mais ligada à busca pela atualização constante e pelo consumo de produtos que atendem a necessidades não vitais, mas culturais e psicológicas.

A crescente valorização do consumo não apenas como meio de satisfazer necessidades, mas também como ferramenta para afirmação pessoal e social, pode ser vista nas interações e influências das plataformas digitais. Influenciadores, celebridades e marcas utilizam as redes sociais para promoverem produtos que atendem a desejos artificiais, mas que, ainda assim, se tornam essenciais na construção da identidade de quem os consome.

A busca pelo "novo" e pelo "diferente", algo que caracteriza a sociedade de consumo, se torna cada vez mais evidente nesse espaço virtual, onde imagens, vídeos e campanhas publicitárias geram uma verdadeira pressão para que os indivíduos adquiram o que é promovido como necessário para a construção de uma imagem idealizada.

Esse consumo é alimentado pelo modelo de obsolescência programada, amplamente difundido nas redes sociais, onde produtos e tendências se tornam rapidamente obsoletos, incentivando um ciclo constante de compra e descarte. As redes sociais, ao tornarem produtos desejados e associados a status, criam uma falsa necessidade de atualização, onde a aquisição do "novo" não é apenas uma questão funcional, mas um imperativo social.

Por outro lado, como já discutido no item anterior, a construção de necessidades artificiais pode gerar impactos nocivos, tanto no indivíduo quanto no meio ambiente. O consumo impulsionado por tendências e influências virtuais, por exemplo, pode resultar em um crescimento do consumo não sustentável. A pressão social, muitas vezes exacerbada por influenciadores e campanhas publicitárias nas redes, pode levar ao esgotamento dos recursos naturais e ao aumento do desperdício de produtos, agravando a crise ambiental.

Dessa forma, as redes sociais, ao interligarem a busca por consumo à construção da identidade social, não apenas reforçam as necessidades artificiais criadas pelo capitalismo, mas também ampliam as implicações desse consumo para o indivíduo e para o meio ambiente.

O consumo nas redes sociais, portanto, é um reflexo e uma extensão do próprio sistema capitalista, que, ao incentivar um ciclo contínuo de compra e descarte, gera não só uma insustentabilidade ecológica, mas também uma insustentabilidade psicológica, através da perpetuação de padrões de consumo que, muitas vezes, não atendem às necessidades reais dos indivíduos, mas sim aos imperativos da indústria e da cultura virtual.

Esse fenômeno revela uma contradição intrínseca ao capitalismo contemporâneo: ao mesmo tempo em que promove a abundância e a constante busca pelo "novo", ele alimenta a alienação do indivíduo, que passa a consumir não mais por necessidade, mas por uma pressão externa, seja ela social, virtual ou mercadológica.

2.4 Adolescentes

A adolescência é um período de profundas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1965), essa fase compreende a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. No Brasil, tanto o Ministério da Saúde quanto o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adotam esse mesmo critério (Brasil, 2007a; Brasil, 2007b). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimita esse período dos 12 aos 18 anos.

Independentemente da definição, a adolescência se caracteriza por ser um momento de transição, onde o indivíduo ainda está em formação e, portanto, altamente suscetível a influências externas.

As mudanças da puberdade — como o desenvolvimento físico, hormonal e sexual — são evidentes, mas não suficientes para configurar a maturidade plena (Santos, 2005; Berger & Thompson, 1997). A adolescência também envolve alterações cognitivas e sociais importantes, como a construção da identidade, da autonomia e da visão crítica do mundo (Martins, Trindade & Almeida, 2003). Essa fase de vulnerabilidade é exatamente o ponto onde o sistema capitalista contemporâneo, intensificado pelas redes sociais, mais atua.

Segundo uma pesquisa divulgada pelo G1 (Silva, 2024), 99% dos adolescentes brasileiros entre 15 e 17 anos afirmam ter ao menos uma conta em redes sociais. Essa estatística revela como o ambiente digital se tornou onipresente na vida dessa faixa etária. As redes sociais, enquanto instrumentos de comunicação e interação, também são poderosas ferramentas de reprodução da lógica capitalista: promovem o consumismo, moldam padrões estéticos e comportamentais, e criam uma falsa sensação de pertencimento atrelada ao consumo de produtos, marcas e estilos de vida.

Ao serem expostos continuamente a conteúdos patrocinados, influenciadores digitais e vitrines virtuais que exibem uma realidade muitas vezes inatingível, os adolescentes se tornam alvos fáceis de uma cultura do consumo alimentada por valores efêmeros, que priorizam a aparência em detrimento da essência. Essa exposição constante contribui para a construção de uma identidade baseada naquilo que se possui ou aparenta possuir, e não no que se é.

Como discutido anteriormente (item 2.1), o capitalismo contemporâneo, ao priorizar o lucro acima de qualquer outro valor, transforma tudo, inclusive o indivíduo, em mercadoria. No caso dos adolescentes, isso se traduz na instrumentalização de suas emoções, desejos e inseguranças, que são capturados e explorados por campanhas de marketing sofisticadas.

O conteúdo promovido nas redes sociais, muitas vezes de forma velada, impõe padrões de sucesso, beleza e felicidade, gerando frustrações, ansiedade e baixa autoestima, especialmente entre os mais jovens.

Essa dinâmica é potencializada pelo imediatismo das redes sociais e pela lógica do “like”, que reforça a necessidade de aceitação e validação externa. A comparação constante com outros usuários, celebridades, influenciadores ou mesmo colegas, gera um ciclo contínuo de insatisfação, desejo e consumo. Como consequência, muitos adolescentes passam a associar seu valor pessoal à sua capacidade de consumir ou ostentar certos produtos e experiências.

Ademais, o envolvimento precoce dos adolescentes com o consumo digital e a exposição a práticas de marketing agressivas pode influenciar negativamente sua relação futura com o dinheiro. Ao consumir de forma impulsiva e desinformada, é comum que jovens adultos desenvolvam hábitos financeiros prejudiciais, como o endividamento, a falta de planejamento e a baixa educação financeira. Isso demonstra como as raízes do comportamento financeiro disfuncional podem estar diretamente ligadas a esse período da vida.

2.5 Desigualdade Social

A desigualdade social no Brasil é uma realidade histórica e estrutural, profundamente enraizada desde o período colonial. Trata-se da diferença no padrão de vida e no acesso a direitos, bens e serviços essenciais, como educação, saúde, moradia e renda, entre diferentes grupos sociais.

Essa disparidade se manifesta em diversos níveis, econômico, educacional, racial, de gênero e territorial, e é sustentada por um sistema que, desde suas origens, foi construído para beneficiar uma minoria à custa da exclusão da maioria da população.

No Brasil, não reconhecemos o desnível social que veio desde a colonização, que o período monárquico não apenas manteve, mas provavelmente agravou, assim como ainda não enfrentamos devidamente os traumas da Ditadura Militar. Somos um país que não enfrenta o seu passado e, conseqüentemente, lida com ele nas estatísticas do presente. Convivemos há mais de 500 anos com uma desigualdade gritante, resultado de um projeto de sociedade estruturado para manter a subordinação de determinados grupos sociais.

O capitalismo, especialmente em sua versão contemporânea neoliberal, aprofunda essa desigualdade. Como visto anteriormente no item 2.1, o sistema capitalista prioriza o lucro e a acumulação de capital, frequentemente à custa do bem-estar social. No Brasil, essa lógica se traduz em um cenário onde os 10% mais ricos detêm cerca de 80% do patrimônio privado, e 1% mais abastado concentra praticamente metade da riqueza nacional, 48,9%, segundo dados de 2021 (Madail, 2022). Enquanto isso, a maioria da população enfrenta precariedade em serviços básicos, desemprego e falta de oportunidades.

A pandemia da COVID-19 agravou ainda mais esse quadro. Segundo o IBGE, em 2020 cerca de 52 milhões de brasileiros viviam na pobreza, e os efeitos da crise sanitária impulsionaram o aumento da miséria, visível nas ruas das grandes cidades. Embora programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, tenham promovido avanços pontuais, reduzindo, por exemplo, 15% da pobreza e 25% da extrema pobreza entre os beneficiários, segundo o IPEA, a desigualdade estrutural segue inalterada.

Essa realidade atinge de maneira especialmente intensa os adolescentes. Jovens em situação de vulnerabilidade social enfrentam um conjunto de barreiras que comprometem sua formação, seu acesso ao mercado de trabalho e suas possibilidades de ascensão social. A baixa qualidade da educação pública, a falta de políticas inclusivas, a desigualdade alimentar e o desemprego juvenil são reflexos diretos desse sistema excludente.

Portanto, a desigualdade social no Brasil não é apenas uma consequência de má gestão econômica ou de crises pontuais, mas sim o resultado de um projeto de país historicamente excludente. Ela se reflete no cotidiano da juventude brasileira, que vê suas perspectivas de futuro limitadas por um sistema que privilegia poucos e marginaliza muitos.

A concentração de renda, o acesso desigual à informação, a educação de baixa qualidade e o consumo como fator de status social são peças de um mesmo quebra-cabeça: o da manutenção de uma estrutura social injusta, excludente e pouco comprometida com a transformação.

2.6 Comparativo de Educação Financeira entre Alunos do Ensino Médio do Ensino Público e Privado.

Ao considerar o conhecimento em educação financeira entre alunos do ensino médio das redes pública e privada, é impossível ignorar as profundas raízes sociais e econômicas que moldam essa realidade. A desigualdade de acesso à informação e à qualidade de ensino, se reflete de maneira contundente quando o foco é a compreensão sobre finanças pessoais, um saber cada vez mais essencial na sociedade capitalista atual, onde o consumo desenfreado é estimulado desde cedo, principalmente por meio das redes sociais e da publicidade voltada ao público jovem.

Os dados que comparam o desempenho educacional entre as duas redes de ensino já apontam um cenário de desigualdade alarmante. Como exposto por Ocimar Alavarse (USP), das 100 melhores escolas no ENEM, apenas três são públicas. A maioria das instituições públicas estaduais ou municipais está abaixo da média nacional, revelando uma debilidade sistêmica na formação dos estudantes. Essa lacuna educacional afeta diretamente o acesso ao conteúdo de educação financeira, já que essa disciplina ainda não é estruturada de forma obrigatória e eficaz no currículo da maioria das escolas públicas.

De acordo com a tese de Graziela Nunes Alfenas (UFMG), estudantes da rede privada apresentam melhor qualidade de vida, maior motivação para aprender e desempenho escolar mais elevado em comparação aos seus colegas da rede pública. Esse ambiente mais favorável se traduz também em maior acesso a temas como planejamento financeiro, investimentos, poupança e consumo consciente. Isso ocorre tanto pelo ensino formal quanto por estímulos externos, como o acompanhamento dos pais, acesso à internet de qualidade e vivência em contextos onde essas discussões são mais presentes.

Por outro lado, alunos da rede pública, especialmente os de famílias de baixa renda, enfrentam não só a carência de conteúdo, mas também uma realidade cotidiana em que as questões financeiras são tratadas sob a ótica da sobrevivência, e não do planejamento. Muitas vezes, esses jovens vivem em lares onde o salário é insuficiente para cobrir todas as despesas mensais, e falar de investimentos ou de reserva de emergência parece algo distante da realidade. Assim, o conhecimento

sobre finanças acaba sendo limitado ou inexistente, e o consumo passa a ser influenciado por fatores externos, como o apelo das redes sociais, agravando o risco de endividamento precoce.

Um estudo conduzido por pesquisadores da Universidade McGill reforça essa perspectiva, mostrando que adolescentes de baixa renda são mais vulneráveis ao uso compulsivo das redes sociais, onde são constantemente expostos a estilos de vida consumistas e padrões de sucesso que não condizem com sua realidade (Oliveira, 2022). Essa pressão social alimenta o desejo de consumir e, sem o suporte de uma educação financeira sólida, os adolescentes acabam recorrendo a práticas como o uso descontrolado de cartões de crédito, empréstimos e compras por impulso, mesmo sem renda própria. O consumo, portanto, torna-se uma ferramenta de inclusão simbólica, ainda que financeiramente danosa.

A educação financeira, passa a ser um instrumento de emancipação, e por isso é negligenciada em políticas públicas voltadas para o ensino básico, especialmente nas escolas públicas, onde estão os estudantes mais suscetíveis a esse ciclo de desinformação e vulnerabilidade.

Dessa forma, ao se comparar os conhecimentos de educação financeira entre alunos das redes pública e privada, constata-se uma desigualdade que vai muito além do ambiente escolar. Trata-se de uma questão estrutural, onde a condição socioeconômica determina o acesso à informação e às ferramentas necessárias para uma vida financeira saudável. A escola, que deveria ser o espaço de equidade e transformação, acaba por reproduzir e perpetuar essa disparidade, seja pela falta de recursos, seja pela ausência de políticas educacionais efetivas.

3. Estudo de Caso

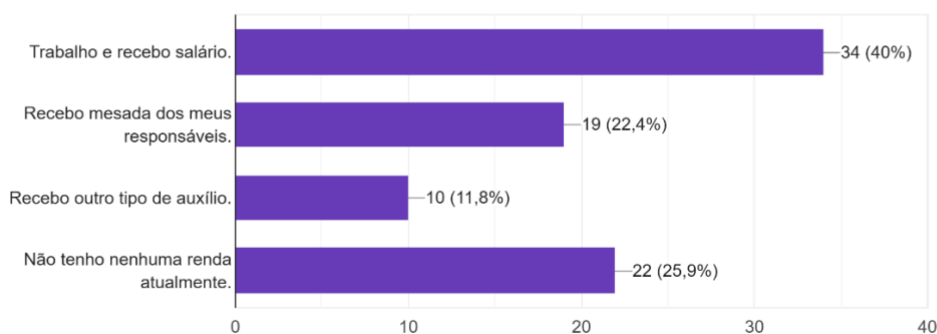
Este estudo de caso tem como objetivo realizar uma comparação entre diferentes grupos de estudantes do ensino médio, com foco nas maiores discrepâncias identificadas entre eles ao longo da pesquisa. A comparação será feita por etapas, sendo analisadas, neste trabalho, apenas as categorias que apresentaram diferenças mais significativas nos resultados coletados.

Foram selecionadas escolas tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino. A pesquisa foi aplicada utilizando a plataforma digital "Google Forms", permitindo a ampla distribuição e o fácil acesso ao questionário. Os formulários foram encaminhados por meio de grupos escolares e redes sociais, abrangendo os três anos que compõem a etapa do ensino médio. Em média, cada grupo respondeu com cerca de 75 participantes, totalizando um número expressivo de respostas, o que contribui para a confiabilidade da análise.

Escolas Públicas:

Você trabalha, recebe mesada ou tem algum tipo de auxílio?

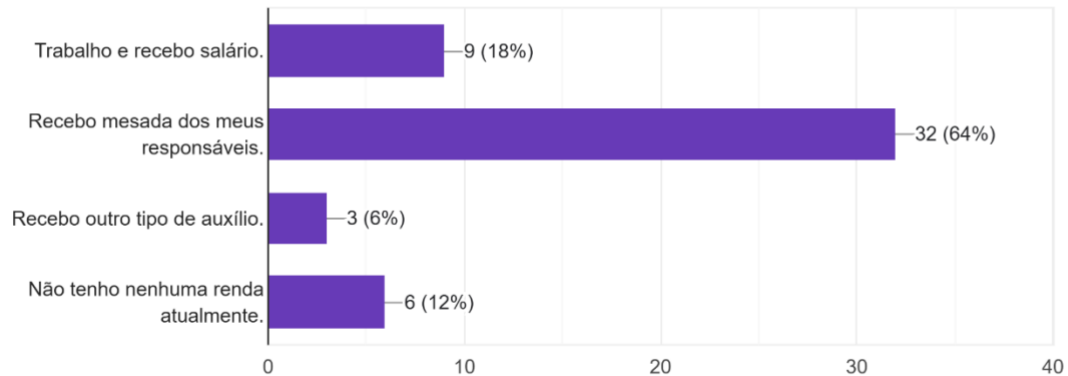
85 respostas



Escolas Privadas:

Você trabalha, recebe mesada ou tem algum tipo de auxílio?

50 respostas

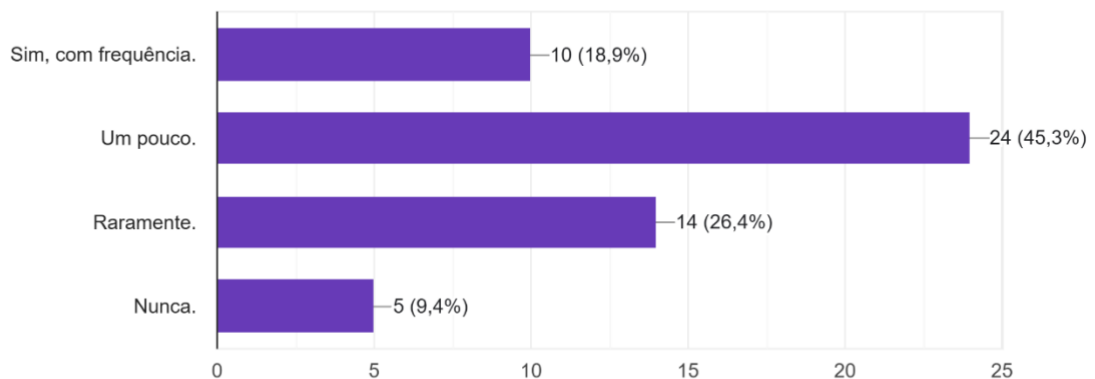


A comparação entre os estudantes revela que, na rede pública, muitos alunos precisam trabalhar para ajudar financeiramente em casa, enquanto na rede privada, a maior parte dos estudantes conta com o apoio financeiro dos pais, como a mesada. Isso reflete a maior necessidade dos alunos da escola pública, que enfrentam mais dificuldades financeiras e, em alguns casos, não têm nenhuma fonte de renda. Já os alunos da escola particular têm mais apoio familiar, o que permite que se concentrem mais nos estudos e em outras atividades extracurriculares.

Escolas Privadas:

Na sua opinião, o TikTok ou o Instagram influenciam suas ideias ou o jeito como você consome e compra as coisas?

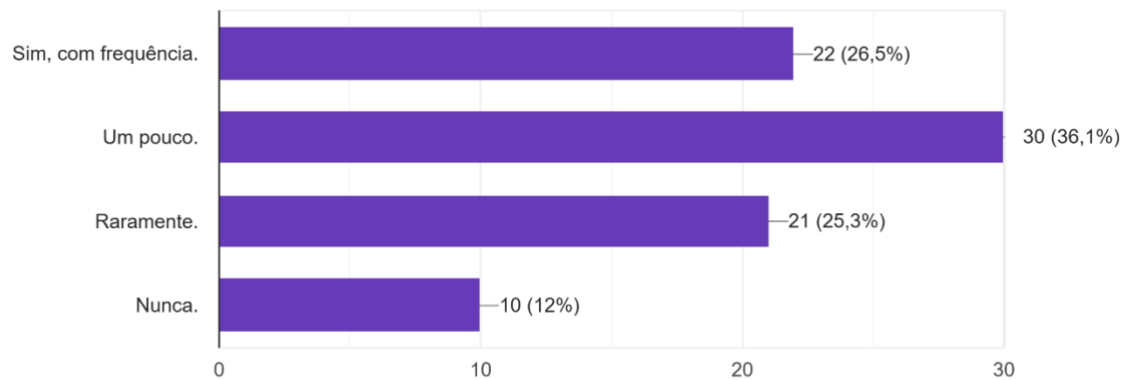
53 respostas



Escolas Públicas:

Na sua opinião, o TikTok ou o Instagram influenciam suas ideias ou o jeito como você consome e compra as coisas?

83 respostas

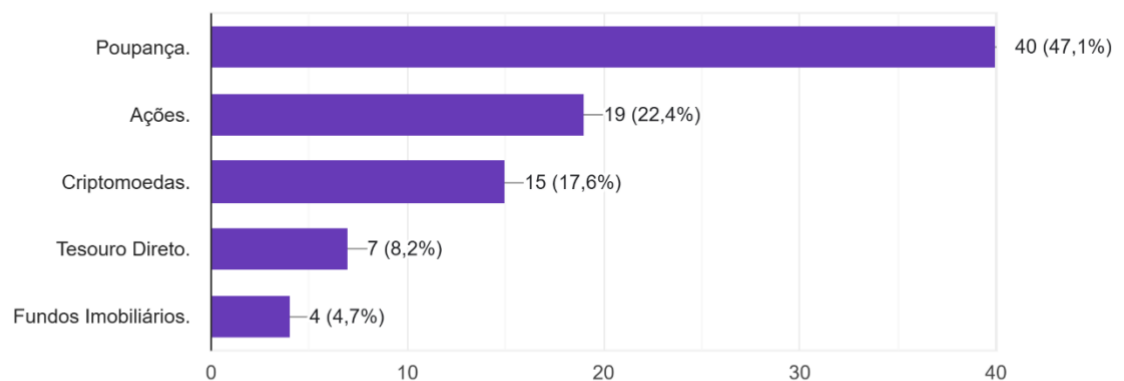


Na escola pública, a maioria afirmou ser influenciada um pouco pelas redes sociais, seguida por uma parcela que se considera influenciada com frequência. Na escola particular, também prevaleceu a opção “um pouco”, porém com menor influência frequente. Em síntese, os alunos da escola pública demonstram maior influência do TikTok e Instagram sobre seus hábitos de consumo.

Escolas Públicas:

Marque abaixo os tipos de investimentos que você já ouviu falar ou conhece:

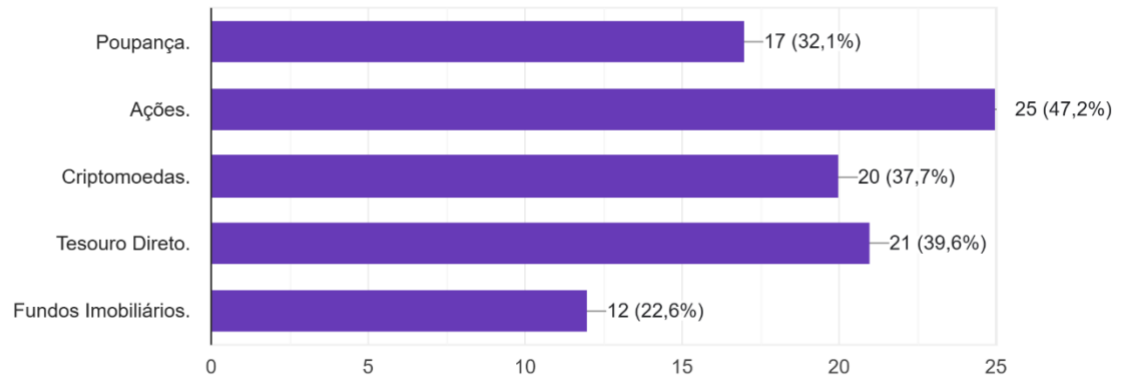
85 respostas



Escolas Privadas:

Marque abaixo os tipos de investimentos que você já ouviu falar ou conhece:

53 respostas

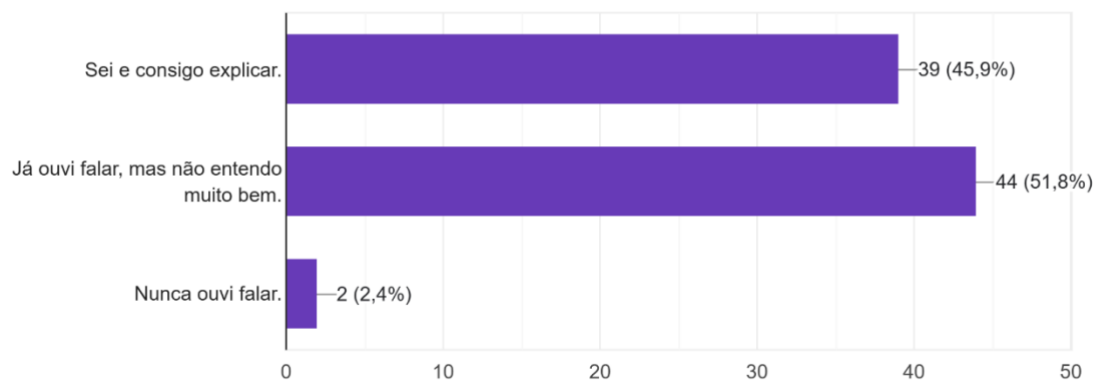


Na escola pública, a maioria dos estudantes afirmou conhecer principalmente a poupança, que atualmente não é uma boa escolha em comparação com os outros mencionados. Já na escola particular, observou-se um conhecimento mais diversificado, com maior reconhecimento de ações, Tesouro Direto e criptomoedas. Os alunos da rede pública demonstram familiaridade com formas de investimento mais acessíveis, enquanto os da rede particular apresentam maior variedade e aprofundamento no tema.

Escolas Públicas:

Você sabe o que são: crédito, empréstimo e ações?

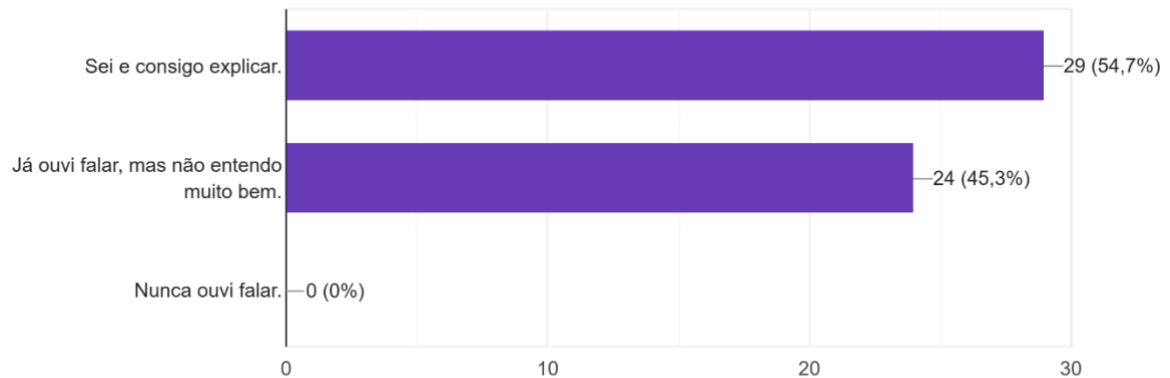
85 respostas



Escolas Privadas:

Você sabe o que são: crédito, empréstimo e ações?

53 respostas

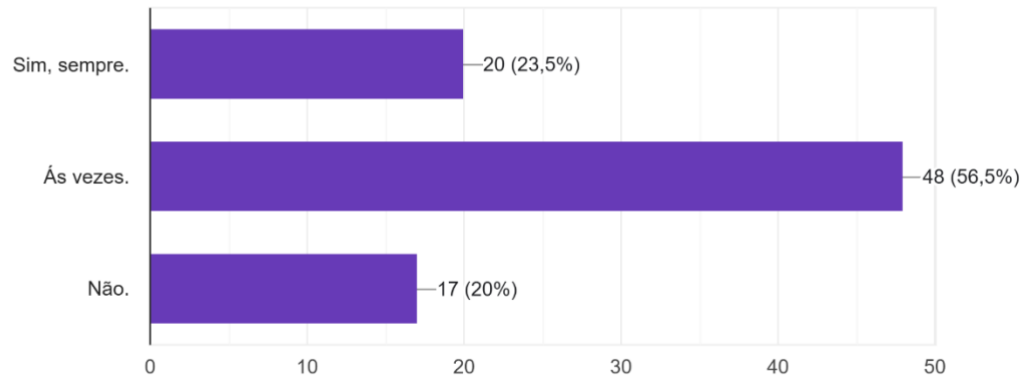


Nas escolas públicas, a maioria dos alunos afirmou já ter ouvido falar sobre crédito, empréstimo e ações, mas não compreender muito bem o assunto, enquanto uma parte significativa declarou saber e conseguir explicar esses conceitos. Já nas escolas privadas, a maioria dos estudantes afirmou compreender e conseguir explicar o tema, sendo menor o número dos que apenas ouviram falar. De forma geral, observa-se que os alunos das escolas privadas demonstram maior domínio sobre conceitos financeiros básicos em comparação aos das escolas públicas.

Escolas Públicas:

Você tem o hábito de planejar seus gastos (por exemplo, fazendo anotações ou planilha)?

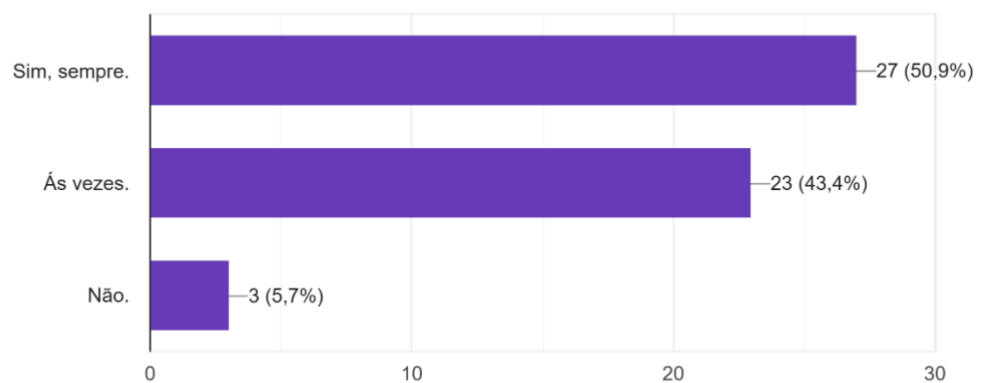
85 respostas



Escolas Privadas:

Você tem o hábito de planejar seus gastos (por exemplo, fazendo anotações ou planilha)?

53 respostas

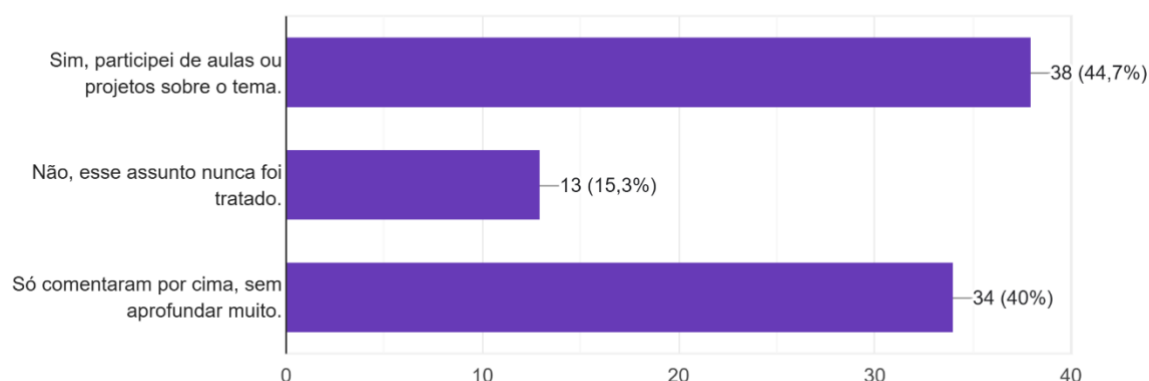


Nas escolas públicas, a maioria dos alunos afirmou planejar seus gastos apenas às vezes. Já nas escolas privadas, a maioria relatou planejar seus gastos com frequência, e poucos afirmaram não realizar esse controle. De modo geral, observa-se que os estudantes das escolas privadas demonstram uma prática mais constante de organização financeira em comparação aos das escolas públicas.

Escolas Públicas:

Você já teve algum tipo de aprendizado sobre finanças na escola?

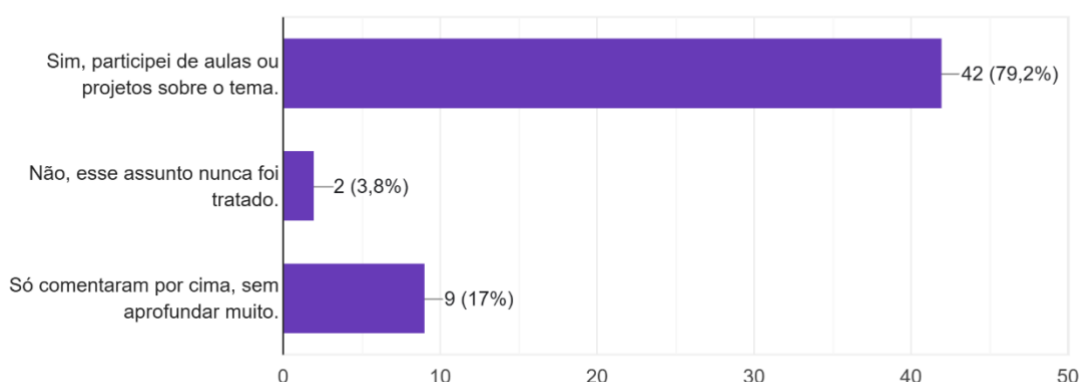
85 respostas



Escolas Particulares:

Você já teve algum tipo de aprendizado sobre finanças na escola?

53 respostas



Nas escolas públicas, a maior parte dos alunos afirmou ter tido algum contato com o tema de finanças na escola, seja por meio de aulas ou projetos específicos, enquanto uma parcela significativa relatou que o assunto foi apenas comentado superficialmente. Já nas escolas particulares, a maioria expressiva declarou ter participado de aulas ou projetos sobre o tema, e poucos alunos afirmaram não ter tido nenhum tipo de aprendizado financeiro. De modo geral, observa-se que as escolas particulares oferecem uma abordagem mais estruturada e frequente sobre educação financeira em comparação às escolas públicas.

4. Conclusão

A pesquisa realizada evidenciou que o nível de conhecimento em educação financeira entre alunos das redes pública e privada é resultado direto das desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira. Mais do que uma diferença entre instituições de ensino, trata-se de um reflexo das condições socioeconômicas, do acesso desigual à informação e das oportunidades distintas oferecidas a cada grupo.

Os alunos da rede privada, em geral, demonstraram maior domínio sobre conceitos financeiros, como planejamento, investimento e consumo consciente. Esse resultado está relacionado não apenas à qualidade do ensino, mas também ao ambiente familiar e social em que estão inseridos, famílias com maior renda, acesso a recursos tecnológicos e experiências cotidianas que estimulam o diálogo sobre dinheiro e finanças.

Em contrapartida, os alunos da rede pública enfrentam obstáculos que vão muito além da sala de aula. A falta de políticas públicas eficazes, a ausência de disciplinas voltadas à educação financeira e a própria realidade econômica das famílias, muitas vezes marcadas pela instabilidade e pela busca da sobrevivência, limitam a possibilidade de desenvolver uma relação saudável com o dinheiro. Esses jovens, por viverem em contextos de vulnerabilidade, acabam mais expostos ao endividamento precoce, ao consumo impulsivo e à falta de planejamento financeiro.

As redes sociais, por sua vez, agravam esse cenário, pois atuam como instrumentos que reforçam o consumismo e projetam ideais de sucesso e felicidade atrelados à posse de bens materiais. A desigualdade se expressa também nesse espaço digital, enquanto uns têm poder de compra para consumir o que é promovido, outros são levados à frustração e ao desejo de compensar essa exclusão por meio do consumo simbólico, muitas vezes desordenado.

Portanto, este estudo demonstra que a educação financeira é capaz de reduzir desigualdades e promover a autonomia econômica. Sua inserção efetiva e estruturada nas escolas públicas pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

5. Referências

ALAVARSE, Ocimar. Resultados do Enem aprofundam diferenças entre escolas públicas e privadas, diz especialista. Jornal da USP, 17 out. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/resultados-do-enem-aprofundam-diferencas-entre-escolas-publicas-e-privadas-diz-especialista/>

ALFENAS, Graziela Nunes. Qualidade de vida e desempenho: estudo mostra diferenças entre alunos de escolas públicas e privadas. UFMG, 18 set. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/qualidade-de-vida-e-desempenho-estudo-mostra-diferencas-entre-alunos-de-escolas-publicas-e-privadas>

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Berger, K. S., & Thompson, R. A. (1997). El desarrollo de la persona desde la niñez a la adolescencia (4ª ed.). Madrid: Medica Panamericana.

Brasil (2007a). Saúde de adolescentes e jovens. Retirado de <http://portal.saude.gov.br/saude/>

Brasil (2007b). Indicadores sociais. Crianças e adolescentes, retirado de <http://www.ibge.gov.br/home/>

Brasil (2007c). Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

MADAIL, João Carlos Medeiros. Origem da desigualdade social no Brasil. Diário Popular de Pelotas, Pelotas, 29 dez. 2022. Reproduzido em: CORECON-RS – Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.coreconrs.org.br/artigos-publicados/2123-origem-da-desigualdade-social-no-brasil.html>

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Nélcio Schneider. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. O capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16, 555-568.

OLIVEIRA, Ingrid. Pobreza pode estar ligada a vício de adolescentes em redes sociais. Terra, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/pobreza-pode-estar-ligada-a-vicio-de->

[adolescentes-em-redes-sociais,38cb3ea666e1e72526eec90bef324dc14rmv7bwt.html?utm_source=clipboard](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/23/83percent-das-criancas-e-adolescentes-que-usam-internet-no-brasil-tem-contas-em-redes-sociais-diz-pesquisa.ghtml)

Organização Mundial da Saúde (1965). Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308). Ginebra.

Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10, 57-66.

SILVA, Victor Hugo. 83% das crianças e adolescentes que usam internet no Brasil têm contas em redes sociais, diz pesquisa. G1, 23 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/23/83percent-das-criancas-e-adolescentes-que-usam-internet-no-brasil-tem-contas-em-redes-sociais-diz-pesquisa.ghtml>